

Infelizmente no Brasil, muitas escolas ainda não estão habilitadas para trabalhar com crianças autistas. Fala-se muito na inclusão, mas será mesmo que esta tem sido a realidade das nossas crianças e adolescentes?

Como mãe de autista e estudante de Ciências Sociais, tenho percebido que a realidade brasileira deixa muito a desejar. Conversando com diversos especialistas, neuropediatras, fonoaudiólogos e psicopedagogos e especialistas em educação especial e inclusiva, cheguei a mesma conclusão que eles. A resposta é não! As escolas não estão em sua maioria preparadas para receber os diferentes.

Nem mesmo os médicos pediatras conseguem identificar tais características e peculiaridades do autismo, tratam crianças do (aspectro) com atraso de fala, ou ecolalia, como crianças normais e ainda muitas vezes dizem aos pais que não há razão para preocupação, que trata-se apenas de uma imaturidade da fala e da criança e que com o tempo a criança começará a falar normalmente.

Muitos pediatras não encaminham crianças com atrasos importantes para fonoaudiólogos ou neuropediatras, e acabam por dificultar o tratamento, tornando o mesmo tardio e muitas vezes com resultados não tão eficazes como deveria.

E na escola, muitas vezes a criança não recebe uma atenção especial recebendo o rótulo de dispersa, temperamental, hiperativa ou com hiperfoco em outras atividades que lhe interessam.

Enquanto nos EUA, muitas crianças com 18 meses de idade já conseguem ser diagnosticadas com o TEA (Transtorno do Espectro Autista), aqui no Brasil o diagnóstico só pode ser fechado aos 7 anos. O que dificulta muitas vezes o tratamento desde os primeiros anos de vida da criança.

Na educação, ocorre o mesmo, pois a escola não está preparada, com profissionais especializados na área de educação inclusiva, o que torna as dificuldades do autista ainda maiores.

Muitos autistas não conseguem interagir melhor por não ter monitor ou um professor que lhe auxilie em atividades que o estimulem na interação social e nas atividades de aula.

Minha filha desde os 2 anos de idade, faz sessões de fono terapias com a fonoaudióloga e faz avaliações com a psicopedagoga e também faz atividades em horários pós aula com a professora especialista em educação especial e inclusiva na sala de recursos da escola. Minha filha, desde os 18 meses não falava quase nada, o que me levou a procurar ajuda médica e especialistas na área multidisciplinar. Como sempre trabalhei com crianças pequenas, percebia

claramente o atraso na fala da minha filha, e algumas peculiaridades como excesso de choro e irritabilidade e algumas manias, rituais dela.

Hoje já vejo uma melhora progressiva, ela ainda apresenta ecolalia, que é a repetição da pergunta ao invés da resposta, porém já forma frases, consegue se comunicar mais claramente, interage muito bem com colegas de aula e se sai muito bem em atividades com ritmo, atividades como pintura, quebra cabeças, e atividades de coordenação fina. Possui uma percepção muito boa dos objetos e das situações ao seu redor.

Não faz uso de medicamentos, e hoje consegue controlar um pouco melhor a irritabilidade e a raiva quando damos alguma ordem a ela.

Se relaciona muito bem com colegas e professores, se relaciona bem com a equipe multidisciplinar e de médicos que lhe atendem e é uma filha amorosa e colaborativa.

Porém, possui dificuldades sensoriais, não gosta do vento forte, (ela grita e tapa os ouvidos quando exposta ao vento ou ao ventilador), não gosta do sol nos olhos, (procura usar óculos de sombra), detesta pentear os cabelos e não gosta de quando a água do banho cai nos olhos ou na cabeça, prefere usar o chuveirinho para lavar os cabelos.

Toda vez que se suja a roupa ou as mãos, corre para limpar, sente-se incomodada e acaba trocando a roupa, não gosta das etiquetas na roupa e tem seletividade alimentar. Prefere alimentos como o leite, macarrão, carne, pão, biscoitos, sucos, porém detesta a batata cortada em quadrados e não come queijo apenas se for queijo ralado no macarrão. Detesta cebola no arroz, e ama feijão. Também não simpatiza muito bem com o ovo cozido.

Ela não gosta de lavar os olhos ao acordar, então preciso lavar com um lenço umedecido, e para escovar os dentes aos poucos ela está se adaptando com a pasta de dente.

Até um tempo atrás ela tinha dificuldades com atividades na terra, com tâmpas e amebas, hoje já perdeu a resistência para se sujar. E brinca normalmente.

E aos poucos estou notando uma grande melhora nela.

A escola da qual ela faz parte está sempre atenta e sempre me dão feedbacks quanto a evolução da Esther, ela está se saindo bem, e tendo melhoras importantes ao longo do tempo.

Ainda não tenho o diagnóstico totalmente conclusivo pois, só aos 7 anos, mais provavelmente terei a conclusão dos especialistas.

O trabalho é árduo, a ecolalia é muito peculiar da criança com autismo. E são poucas escolas e profissionais que realmente estão preparados para cuidar dessas crianças.

Estamos engatinhando no Brasil, já existem centenas de pesquisadores procurando uma alternativa para melhorar a qualidade de vida desses pacientes, porém eu ainda acredito que a parceria entre educação e saúde são muito fundamentais para essas crianças.

E também não sou favorável ao uso de medicamentos indiscriminados em todos os portadores de autismo. Os efeitos a longo prazo são irreversíveis causando danos ao coração e fígado desses pacientes. Acredito que com o avanço das pesquisas e o engajamento de familiares e ambiente escolar juntamente com a área da saúde, muito em breve colheremos os frutos e quem sabe os custos, que hoje são altos para os pais de crianças com autismo tornem-se mais acessíveis a todos e até mesmo gratuitos pelo SUS.

Pois é muito difícil encontrar psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e psicopedagogos e neuropediatras pelo SUS, fora que quando há algum médico especialista pelo SUS, não há uma equipe multidisciplinar gratuita, o que gera custos altos as famílias, tornando as chances da inclusão dessas crianças autistas na escola ainda mais difícil e dolorosa.